

Contribuições da Educomunicação à Gestão Escolar das TICs

Rafael Sbeghen Hoff
Monalisa Pivetta da Silva

Resumo

A educomunicação e a Mídia-Educação propõem contribuições importantes para o pensar a gestão escolar, principalmente no que se refere à incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação às práticas didático-pedagógicas. Mais do que uma abordagem tecnicista e instrumental, o artigo procura demonstrar a imagem construída nos relatos dos educadores a respeito dos gestores em escolas do Meio-Oeste catarinense no que toca à formação continuada e administração dos artefatos da cultura digital no ambiente da educação formal. A partir da pesquisa empírica, com aplicação de questionário de perguntas abertas e fechadas aos educadores em formação (curso de Pedagogia da Universidade do Oeste de Santa Catarina) procurou-se traçar as lacunas e deficiências na gestão das escolas em que estes atuam. A partir destes elementos, procurou-se traçar um paralelo entre as contribuições teóricas dos campos da Educomunicação e da Mídia-Educação à atuação dos gestores, ampliando a discussão para além de uma formação didática, reforçando a pertinência da crítica à epistemologia da educação e ao novo fazer docente numa era de convergência midiática. Como objetivo final tem-se a idéia de contribuir para o diálogo e aproximação entre as áreas do conhecimento definidas pela Administração (com ênfase na Gestão de Recursos Humanos), Comunicação Social e Educação.

As TICs transformando a escola e o professor

O presente artigo é parte de pesquisa de opinião efetuada com professores de escolas da região Meio Oeste de Santa Catarina em 2013, e tem por objetivo analisar a visão dos docentes em relação a gestão escolar, sobretudo quanto ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na escola, bem como identificar possíveis deficiências em suas realidades de formação complementar. A abordagem propõe uma costura entre a perspectiva da administração organizacional da instituição escolar e a imagem desta perante os docentes, explícita pelos relatos colhidos.

Na “idade mídia”, como define Lopes (2006), “a realidade em que estamos imersos e que contribuimos para produzir, modificar e reproduzir, é sempre uma realidade mediada, mediatizada” (BACCEGA, 2011, p. 36 apud LEAL, 2013, p. 31).

Pensar e repensar a presença das TICs no ambiente escolar transcende uma escolha de identidade sobre o que pensamos ser a escola para pensarmos sobre como lidar com essa nova realidade. O recorte apresentado no presente artigo aponta para a importância da percepção dos educadores e professores sobre a gestão escolar em relação à esta realidade.

Segundo Castells (1999), vive-se em um período conhecido como Era da Informação, no qual a produtividade e a competitividade estão baseadas na capacidade de gerar, de processar e de aplicar a informação. Neste contexto, o emprego de TICs também se difundiu entre as instituições de ensino.

Grigoli et. al. (2010 apud Glatter, 1999) explica que apesar de haver certa resistência ao uso do termo “gestão” no campo das atividades educacionais, pela sua origem e implicações com o mundo empresarial, não há dúvidas de que os professores preferem trabalhar em escolas bem dirigidas e bem organizadas. Neste sentido Borges (2009) afirma que “em escolas com objetivos e metas definidas, os resultados são melhores, pois seus alunos estão mais bem preparados face à uma série de fatores”. Então, este artigo toma como perspectiva administrativa aquela que privilegia a Gestão do Conhecimento ou a Gestão de Pessoas para falar sobre as contribuições da Administração sobre o campo da Educação.

Em pesquisa bibliográfica realizada por Areu e Vermelho (2005) sobre artigos em periódicos brasileiros de 1982 a 2002 tratando de Educação e Comunicação já eram apontadas que

[...] as questões ligadas às *Metodologias Didático-Pedagógicas* (31,6%) aparecem como a problemática de maior relevância. Se lembrarmos que os sujeitos mais citados, além da mídia, são professores e alunos, podemos inferir que um aspecto que caracteriza a produção brasileira é buscar entender em *primeiro lugar, como esses meios estão sendo utilizados em sala de aula ou ainda com preocupações voltadas para a proposição de alguma prática de uso. Em seguida surge como segunda problemática mais citada a Relação do Sujeito com a Mídia (26,1%) e em*

terceiro lugar o Conteúdo da Mídia (24,3%). Lembrando-nos dos sujeitos professores e alunos, podemos inferir que não só a problemática da metodologia, mas também a relação que esses sujeitos (professores e alunos) estabelecem com os meios são as preocupações maiores da produção da área. (grifo do autor) (AREU e VERMELHO, 2005, p. 1427)

As tecnologias ainda trazem desafios para os educadores na segunda década do século XXI. Na imbricada definição sobre o nome da disciplina ou quem tem competência para ministrá-la na compartimentarização dos saberes apregoado pelas estruturas acadêmicas, uma ideia é unânime: o reconhecimento da importância de se estudar a mútua influência entre a educação (e seus agentes) e a mídia, percebendo esta como um campo de intersecção entre as competências específicas de cada uma das áreas. Belloni afirmava já em 2005 que

[...] a educação para as mídias ou mídia-educação, não importa o nome, esta missão – da sociedade, do Estado, da escola – urgente há mais de dez anos agora é crucial. Apropriar-se das telinhas, dominá-las e a seus fantasmas, não se deixar dominar por eles. Este parece ser o caminho mais eficaz para a emancipação e a cidadania. [...] Neste contexto de modernidade radical, de ambivalência entre o global e o local na construção do mundo vivido e refletido, de obsolescência rápida dos saberes e das técnicas, o papel da escola em todos os níveis é cada vez mais a formação do cidadão competente para o futuro. (BELLONI, 2005, p. 44 e 47)

O que Belloni chama de mídia-educação está em sintonia e é ampliado com o conceito e as premissas da educomunicação, tal como menciona Ismar de Oliveira Soares:

[...] a Educomunicação não diz respeito imediata ou especificamente à educação formal nem é sinônimo de “Tecnologias da Educação” (TE), ou mesmo de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). No entanto, a escola se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção desse conceito. Com relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada,

mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos. (SOARES, 2011, p. 18)

As TICs requerem planejamento cuidadoso para as atividades de ensino. Nesse sentido, a gestão é fundamental para ampliar a compreensão sobre as tecnologias na escola.

Luck (2013) explica que a gestão escolar perpassa três esferas administrativas: a financeira, a pessoal e a pedagógica.

A gestão pressupõe a articulação de todos os componentes que interferem na realização do trabalho educacional. É bom lembrar que a gestão financeira e a gestão de pessoas devem convergir para a gestão pedagógica que focaliza diretamente os objetivos educacionais de formação e aprendizagem dos alunos. (LÜCK, 2013,)

Desta forma, gerenciar as TICs consiste em atuar em múltiplas direções: gerenciar o uso e manutenção das tecnologias envolvidas; gerenciar os projetos educacionais que irão ser desenvolvidos e a forma como esses meios são utilizados em atividades de ensino-aprendizagem.

A gestão das TICs na educação envolve análise de investimentos, aquisição de equipamentos, cuidados com as condições de operação e de manutenção dos mesmos para a garantia do pleno funcionamento e a disponibilização dos recursos durante todo o tempo em que as atividades estiverem sendo realizadas.

Porém, não basta apenas ter os equipamentos disponíveis para o uso na escola pois os conteúdos precisam ser explorados de modo a aproveitar o que cada recurso pode oferecer. É necessário refletir sobre as concepções de ensino, utilizando as tecnologias para agregar à aprendizagem e não apenas para informatizar as metodologias usadas. Como base filosófica de uma disciplina ou uma metodologia de trabalho em gestão escolar, pode-se adotar as palavras de

Belloni (2005, p. 46) que afirma: “a mídia-educação, ou educação para as mídias, tem objetivos amplos relacionados à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação.” Se gestores e docentes tiverem clareza sobre esse paradigma, a implementação de políticas e práticas pedagógicas ganha impulso sobre uma base que desde a década de 1970 é discutida e construída nos campos da Educação e da Comunicação Social.

O próprio Ministério da Educação e Cultura, na Lei de Diretrizes Básicas³⁹ para o ensino médio (década de 1990), já previa e descrevia a relevância da incorporação das tecnologias das linguagens nas práticas didático-pedagógicas, como cita o texto:

[...] no mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas (que se mostram articulados por múltiplos códigos) e, ainda, sobre os processos e procedimentos comunicativos possibilitados pelas formas de linguagem, são, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada. (MEC apud SOARES, 2011, p. 16 – 17)

Além do operacional, a gestão das TICs na educação envolve reflexões e tomada de decisões que orientam o projeto a ser realizado, principalmente na questão pedagógica. O gestor precisa incentivar todos os professores a utilizarem os recursos tecnológicos, a pensar em estratégias para aliar as TICs à aprendizagem dos alunos, conforme os conteúdos programáticos e ementários e também as especificidades pedagógicas de cada área do conhecimento. Além disso, deve provocar reflexões sobre novas práticas na escola, levantar discussões sobre a concepção de ensino e as metodologias utilizadas em sala, e buscar melhorar as habilidades e competências dos professores investindo na formação técnica dos mesmos. Essa seria a tradução de uma Gestão de Pessoas aliada a uma Gestão do Conhecimento, buscando a formação continuada e a sintonia com práticas comunicativas habituais fora do contexto escolar,

³⁹ Documento completo disponível em www.mec.gov.br/pcn.

introduzindo-as na relação didático-pedagógica. Como aponta Elisa Carvalho, a Educomunicação provoca uma reflexão também sobre

o correcto recurso às TIC coloca-se como um desafio à escola no seu todo: à gestão escolar, que tem que estabelecer políticas de desenvolvimento, aos professores, que têm que conhecer as suas potencialidades e adquirir competências para as utilizar no momento certo, e aos alunos, que têm que perceber que as tecnologias podem usar também para aprender. (CARVALHO, 2005, p. 19)

O uso das TICs deve estar articulado ao planejamento pedagógico. Disciplina, organização, aperfeiçoamento e aprendizagem continuados, controle, estabelecimento de cronogramas e fomento à apropriação e uso coletivo das tecnologias e linguagens são alguns critérios que precisam ser definidos para o sucesso do uso das ferramentas comunicacionais em sala de aula. Mas é fundamental admitir que o papel do professor está se transformando.

Este novo campo [modos de aprendizagem mediatizada] necessariamente interdisciplinar, tem que considerar os dois principais componentes dessa nova pedagogia: a utilização cada vez maior das tecnologias de produção, estocagem e transmissão de informações, por um lado, e, por outro, o redimensionamento do papel do professor. Papel este que, ao que tudo indica, tende a ser cada vez mais mediatizado. O professor tende a ser amplamente *mediatizado*: como *produtor de mensagens* inscritas em meios tecnológicos, destinadas a estudantes a distância, e como *usuário ativo* e crítico e *mediador* entre estes meios e os alunos. (BELLONI, 2005, p. 27-28)

Moran (2003), afirma que a educação pressupõe aprender a gerenciar tecnologias, tanto da informação quanto da comunicação e pressupõe ajudar a compreender onde está o essencial, estabelecendo processos de comunicação cada vez mais participativos. Neste sentido, a gestão deve ter a preocupação de promover a interação de professores, alunos, pais e funcionários e estimular a participação coletiva nas decisões na escola.

García (1995) explica que a cultura organizacional da escola, pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento dos processos de formação de professores para torná-los autônomos e colaborativos. Assim, é preciso que o gestor esteja atento e crie um clima de confiança e compromisso compartilhado de valorização do trabalho do professor e disponibilize recursos humanos e materiais. A análise do ambiente e da condição interna são etapas fundamentais para a realização de um diagnóstico da situação gerenciada e determinação de objetivos, missão, estratégia e táticas.

Esse é, portanto, o ponto de partida para a pesquisa de campo empreendida junto a professores de escolas da região do Meio Oeste Catarinense e que ilustra várias das angústias, dos receios e das imagens construídas sobre a gestão escolar envolvendo TICs.

A visão de docentes sobre as TICs

Para realização deste estudo foram utilizados procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo. Após a seleção da bibliografia eleita, procurou-se elaborar pressupostos teóricos que dessem suporte à análise empreendida. A segunda etapa procurou compilar os dados obtidos, a partir de questionário, em pesquisa qualitativa com perguntas fechadas e abertas realizadas com professores de escolas da região Meio Oeste de Santa Catarina. Foi utilizado como referência o questionário de pesquisa da dissertação de Mestrado de Bernardete M. A. Gregio (2005). A seleção do material bibliográfico teórico procurou focar autores que versassem sobre gestão escolar, tecnologias da informação e comunicação e suas especificidades.

As questões da pesquisa tiveram por finalidade investigar as percepções dos professores a respeito da gestão escolar e o uso das TICs na escola, e considerou-se relevante apresentar alguns depoimentos dos professores para evidenciar suas compreensões e identificar a avaliação que fazem da gestão e da

própria formação no que se refere às competências necessárias para o uso pedagógico das TICs.

As perguntas caracterizaram os sujeitos descrevendo sua distribuição por faixa etária, gênero, grau de instrução, entre outras perguntas relacionadas especialmente ao uso das tecnologias da informação e comunicação, o que agrada e desagrada, dificuldades, influência, impedimentos, primeiros contatos e obtenção de conhecimentos através de formação e capacitações. Com essas informações, busca-se traçar alguns desafios da gestão escolar, para efetivar o uso das TICs na escola numa perspectiva educomunicacional.

Os sujeitos dessa pesquisa foram setenta e três professores, formandos do curso de Pedagogia. Dentre estes obtivemos 76,7% das respostas, ou seja, 56 professores que atuam em escolas de Joaçaba, Herval d'Oeste, Luzerna, Catanduvas, Capinzal, Ouro, Ipira, Zortea e Piratuba, todos municípios catarinenses. A maioria é do sexo feminino, representando 98% do total da amostra, contra apenas 2% do sexo masculino.

Verifica-se que a grande parte dos professores apresenta a faixa etária entre 21 e 30 anos (54%) e somando-se a parcela dos sujeitos das faixas de 31 a 40 anos, o total dessa soma corresponde a 92% dos professores pesquisados, ou seja, a maioria dos professores no universo da pesquisa tem entre 21 e 40 anos.

Em relação ao nível de formação, apenas 9% dos entrevistados da pesquisa afirmam ter cursado o antigo Magistério (Ensino Médio). Verificou-se que 5% afirma já possuir uma graduação ou pós-graduação. E a grande maioria, 83% dos sujeitos da pesquisa, está se formando na primeira graduação. Dos professores, 60% atua em escola municipal, 15% em escolas estaduais, 13% em escolas particulares e 13% dos entrevistados afirmaram atuar em outras instituições de ensino.

Dos sujeitos da pesquisa, 48% atuam na educação infantil, 32% no ensino fundamental, enquanto 20% afirmaram atuar como bolsistas, no reforço escolar ou em atendimento educacional especializado.

Em relação ao número de computadores disponíveis nas escolas, 12% dos entrevistados afirmaram que a escola possui no máximo 2 computadores, 13% que possui até 10 computadores, 28% afirmaram que a escola possui até 20 computadores e apenas 6% responderam que possui em torno de 80 computadores. Um dos entrevistados afirmou que a escola possui um computador por aluno.

Os números de computadores que as escolas dispõem são bem variados, algumas possuem um computador por aluno, inclusive netbooks, enquanto outras não possuem nenhum, ou possuem apenas computadores na secretaria. À esta realidade pode-se implicar que se os processos didático-pedagógicos não estão plenamente mediatizados e digitalizados, as secretarias por sua vez já implementam em suas rotinas o uso de recursos tecnológicos de informação e comunicação. Os outros 41% não responderam essa questão, o que pressupõem que não têm conhecimento de quantos computadores a escola possui, e também pode-se supor que não utilizem os laboratórios e os computadores da escola.

Foi perguntado aos entrevistados se **“utilizam tecnologias (digitais de informação e comunicação) na escola”**. Os entrevistados que declararam que fazem uso representam 77%. Gregio (2005) alerta que é “preciso entender como é esse uso. Qual é a orientação para o uso do computador na escola?” Este se coloca como um possível aprofundamento da pesquisa.

Os sujeitos que afirmaram não fazer uso dessas tecnologias representam 23%. É possível deduzir que esses sujeitos são os que trabalham com a educação infantil, maternal, ou são os professores que trabalham nas escolas que não possuem, ou mesmo que possuem número reduzido de computadores.

Perguntado aos sujeitos “**qual a maior dificuldade para o uso do computador**”, 23% dos entrevistados não responderam a questão apontada. Pode-se inferir que estes não têm dificuldades de um modo geral, tanto por possuir recursos para investimento em aperfeiçoamento ou mesmo por dominarem a autoformação, mas também é possível que, para os usos praticados hoje em dia (de maneira limitada ou pessoal), não encontram dificuldades.

A justificativa desconhecimento e pouca prática apresentou 34% das respostas, metodologia de ensino 11% das respostas, condições materiais inadequadas 7%, falta de interesse, paciência e motivação, também com 7% das respostas e 2% afirmou não ter computador. As declarações evidenciam a falta de conhecimentos em relação ao manuseio, ressaltando insegurança para o uso. É importante frisar que os entrevistados fazem parte do cotidiano acadêmico, que pensamos (senso comum) ser um espaço ocupado por pessoas alfabetizadas digitalmente. Mesmo assim e contraditoriamente, pode-se intuir que há um distanciamento entre a realidade do curso de Pedagogia (da Universidade do Oeste de Santa Catarina, onde os depoentes foram convidados a participarem da pesquisa) a que estes estão vinculados e a própria formação de professores e educadores sobre o tema abordado nesta pesquisa, uma vez que eles não sinalizam prática, conhecimento, domínio de metodologias de ensino (didática) para o efetivo uso das TICs, em sua maioria. Cabe aqui uma pergunta mais ampla: os cursos de Pedagogia e Licenciaturas brasileiros estão preparados e preparando para a inserção das TICs nas relações didático-pedagógicas?

Também se procurou investigar a “**reação do professor no primeiro contato com o computador**” e foram apontadas as seguintes respostas: 42% dos entrevistados afirmou que a reação foi de tranquilidade, 23% ficou com receio, 15% afirmou ficar resistente e 10% teve muita dificuldade. Percebe-se que metade dos entrevistados (50%) vivenciou algum tipo de dificuldade nos primeiros contatos com o computador. Os professores se sentem inseguros e vulneráveis,

principalmente em relação a seus alunos que a cada dia têm mais domínio sobre as tecnologias de informação e comunicação, segundo depoimentos dos próprios entrevistados. Carneiro (2002, p.57) explica que “a ideia de que qualquer criança lida melhor com computador do que os adultos reafirma esta posição de frustração e inferioridade diante da máquina”. O autor ainda completa:

[...] o fato de não conseguir manuseá-lo com facilidade causa certo tipo de frustração e dá uma sensação de incapacidade, um medo de que outras pessoas (entre as quais alunos, a direção da escola e os filhos) irão perceber suas limitações, por não realizarem as tarefas com perfeição. Na escola, identifica-se, no professor, o medo de ficar ultrapassado, ao perceber que o aluno sabe mais, alegando, então a necessidade de se preparar antes. (CARNEIRO, 2002, p.57).

Perguntado aos sujeitos “**o que agrada no computador**”, 40% deles citaram os recursos disponíveis para desenvolvimento de trabalhos e os aplicativos, 29% responderam o acesso à informação rápida, 27% vêem o computador como meio de ensino e aprendizagem e 4% assinalaram outros como resposta. Os argumentos apresentados para a questão “**o que desagrada no computador**” foram, por ordem de importância, problemas técnicos com 61% das respostas e conteúdos inadequados com 29%, enquanto falta de conhecimento, preço e outros equivalem a 10% das justificativas.

Com base nas respostas pode-se inferir que essa reação de insegurança é comum entre os professores, que têm receio de não saber utilizar, já que têm pouco conhecimento tecnológico, além de ser necessário um esforço continuado, pois nunca se está totalmente preparado, já que as tecnologias evoluem a cada dia. Chaib (2002) afirma que “a fragilidade demonstrada pelos educadores frente ao uso do computador, se explica também pelo apego à concepção tradicional de ensino, do papel da educação e dos métodos de ensino”. Para que exista uma transformação real e efetiva na condição do aprendiz a partir da postura dos educadores e professores, “essa educação, orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao

contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos.” (PALUDO, 1995, p.159 apud BASTOS, 2010, p. 59)

Indagou-se aos entrevistados “**de que forma adquirem conhecimentos a respeito das TICs**”.As respostas apresentadas indicam que a maioria dos professores (80%) adquire conhecimentos informalmente, na prática do dia a dia, 4% no trabalho e apenas17% afirmou que adquire conhecimentos frequentando cursos especializados na área. Neste quesito abre-se o questionamento sobre a capacidade do professor em processo de alfabetização digital para filtrar os vários conteúdos disponíveis, bem como a capacidade de autoformação que privilegie não só o domínio técnico de *softwares* e *hardwares*, mas também de estratégias de aproveitamento e aplicabilidade de tais elementos nas relações didático-pedagógicas. Não seria esta a oportunidade para um aperfeiçoamento oferecido pelas Instituições de Ensino Superior (IES) no campo da mídia-educação e da educomunicação?

Com a finalidade de investigar a compreensão dos professores sobre o uso das TICs em relação a própria formação, foi perguntado aos sujeitos se obtiveram conhecimentos na “**sua formação inicial (graduação)**”. O que se pode observar é que 24% não tiveram conhecimentos a respeito das TICs na graduação e 6% tiveram mas não lembram. 70% dos entrevistados tiveram, porém, apenas em uma ou duas disciplinas que contemplaram o uso das TICs na educação. Estes dados sinalizam a necessidade de ofertar aos professores capacitações para o uso do das TICs no contexto escolar.

Almeida (2000, p. 170) adverte que “nenhum curso de formação deve restringir a exploração de determinado recurso (linguagem de programação, aplicativos ou outros). O objeto de estudo é o uso pedagógico de cada recurso”. A autora ainda enfatiza que é preciso:

Investir no professor, assessorá-lo para a incorporação da tecnologia de informação e comunicação – TIC à sua prática, valorizar o seu saber oriundo de sua experiência profissional, promover a articulação desse saber com teorias que ajudem a refletir e depurar essa experiência e, sobretudo, favorecer a sua atuação como um profissional crítico-reflexivo, comprometido com uma prática transformadora, progressista e prazerosa, na qual professores e alunos se situam em sua inteireza de ser humano aprendente e utilizam as TIC para representar, compreender e atuar na melhoria de seu contexto, inserir-se no mundo, transformando-o e transformando-se. (ALMEIDA, 2000, p. 246).

Foi questionado aos sujeitos entrevistados se a **“gestão escolar prepara os professores para usar as tecnologias de informação e comunicação em sala de aula”**, e mais da metade dos entrevistados (55%) afirmou que a gestão escolar não prepara, 31% afirmou que a gestão prepara os professores e 14% respondeu que prepara apenas os professores efetivos. Mesmo diante da realidade das políticas públicas em educação no país, ainda é possível entender que o ambiente escolar está em transformação e a necessidade de aprimoramento e domínio de novas linguagens e suas tecnologias se faz urgente diante da ubiquidade das TICs na cultura contemporânea.

As possibilidades educacionais libertadoras dessa prática mediada pela ferramenta (TIC) são várias, entre elas, a mudança na conduta individual e competitiva, hegemônica em nossa cultura escolar bancária. Por meio dela, é possível construir hipermídia colaborativamente em espaços e tempos diferentes, desde que o sujeito esteja orientado e acompanhado por outros, em especial os docentes. (BASTOS, 2010, p. 68)

É fato que a tecnologia assusta os professores, que se sentem despreparados para sua utilização em suas aulas. Segundo Valente (1999b) o processo de formação deve criar condições para o docente construir conhecimento e entender porque e como integrar na sua prática pedagógica, também deve ser capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica, possibilitando a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdo.

Belloni (2001) afirma que a busca de capacitação para o uso das TICs é o reflexo das exigências da sociedade que quer um novo profissional educador dotado de um conjunto de habilidades e competências integradas com a realidade dos educandos. Para Soares (2011, p. 20), essa formação deve transcender a perspectiva “oficineira” e dar autonomia ao professor.

Na verdade, o universo da comunicação representa, na contemporaneidade, um mundo de cultura que jamais poderia ser reduzido a um conjunto de ferramentas. A proposta educacional é facultar ao sujeito educador que se transforme, sem receios e com desenvoltura, em sujeito educacional. Torna-se necessário, pois, que sejam adotadas políticas que facilitem a formação desse novo docente-educacional [...] garantindo que os professores dominem os conhecimentos sobre a cultura midiática, familiarizando-se, por outro lado, com o uso que o campo da comunicação faz das suas tecnologias e linguagem.

Desse modo foi perguntado se os professores “**participariam dos cursos oferecidos para capacitação tecnológica**” e 52% dos sujeitos afirmaram que participariam, 3% afirmam que sim, mas somente se o curso for gratuito; 7% dos entrevistados afirmaram que participariam somente se fosse obrigatório, 23% responderam que não participariam e 14% não responderam. A partir destes dados é possível mapear que além de motivar o interesse junto ao corpo docente, os gestores devem ainda tornar o acesso às capacitações facilitado, seja levando em conta os horários disponíveis dos professores (muitas vezes dobrando ou triplicando cargas horárias para garantir salários compatíveis com investimentos em aperfeiçoamento), seja subsidiando de alguma forma (parcerias público-privadas, projetos beneficiados com leis de incentivo à cultura, parcerias com IES no sentido de formação continuada associada à extensão e pesquisa...). Muitos são os fatores a serem considerados, mas nenhum deles deve ser tomado como impeditivo para a eterna aprendizagem do educador-educando.

Vale salientar que é necessário que o gestor da escola entenda o significado de “estar preparado” para o uso das tecnologias de forma eficiente em sala de aula pelo olhar do professor.

Em relação aos cursos de capacitação, foi perguntado aos sujeitos **“como avaliam as capacitações oferecidas”**. Do total pesquisado, 42% não declarou resposta. Os demais questionados ofereceram argumentos de avaliação positiva, negativa e também argumentos dos sujeitos que não participaram de avaliações.

Os argumentos das avaliações negativas (21% das respostas) caracterizam as capacitações ineficientes por não atingirem as expectativas esperadas pelos professores. Segundo depoimentos: *“Sempre a mesma coisa, não trazem nada de inovador.”*⁴⁰ *“Somente coisas que já sabemos”*. *“De pouca serventia pois o que aprende na maioria das vezes já sabem e o que realmente precisa...”*

As avaliações positivas tiveram 14% das respostas, conforme depoimentos: *“Quando bem aproveitadas: muito boas.”* *“É fundamental que tenham cursos de capacitação oferecidos ao magistério, a tecnologia está em transformação e não podemos ficar parados.”* *“Boas. Mas é preciso investir mais em capacitações”*.

Os sujeitos que responderam que não participaram das capacitações foram 21%. Conforme depoimentos: *“No ramo de tecnologia não foi oferecido nenhuma capacitação ainda”*. *“Não é oferecido capacitações para professores referente a tecnologias.”*

Ao se analisar as respostas, é possível observar que o número de professores que assinalaram a opção em que não realizou curso de capacitação é muito expressivo. Os depoimentos demonstram que além de faltar capacitações para o uso das TICs como ferramentas de ensino e aprendizagem, os sujeitos emitiram julgamento negativo frente às capacitações oferecidas, considerando as mesmas superficiais. Percebe-se que mesmo nas avaliações positivas, os

⁴⁰ Depoimentos prestados pelos professores/educadores, universo desta pesquisa, são sinalizados no corpo do texto entre aspas. Os nomes foram preservados em anonimato por limites éticos e legais, porém a transcrição das respostas condiz com aquelas prestadas ao questionário aplicado nas questões abertas.

professores deixam clara a falta de mais cursos, de mais capacitações para o preparo dos professores. A sinalização relevante nestes depoimentos é a importância de atrelar domínio de *softwares* e *hardwares* aos processos didáticos e pedagógicos, exemplificando com estratégias de ensino-aprendizagem a forma de aproveitar as capacitações em sala de aula. Isso não significa obrigatoriamente repassar “fórmulas”, mas demonstrar as potencialidades dos recursos disponíveis e, a partir deles, fomentar junto aos educadores a elaboração de projetos com o aproveitamento das TICs em suas disciplinas e turmas. Essa prática poderia ser associada à criação de um espaço para o exercício da crítica da epistemologia adotada nos processos didáticos e pedagógicos, uma vez que só com a observação e o dialogismo sobre as condutas é possível provocar ruptura com modelos obsoletados ou insuficientes ao letramento, à alfabetização e à pedagogia da autonomia.

Para obter mais informações a respeito das capacitações oferecidas foi questionado “**o que eles aprenderam nos cursos de capacitação**”. Os depoimentos dos entrevistados que participaram das capacitações foram os seguintes:

“Informações novas, novos softwares e como trabalhar com os mesmos”. “Criação de meios que possam auxiliar a prática educativa. Seja animações ou vídeos.” “Estratégias de ensino”. “O uso apropriado dos recursos.” “Como utilizar os computadores e os programas”. “Novos métodos para o ensino e aprendizagem, entender a realidade escolar, relação da teoria e prática. Planejamento de aula através do lúdico.” “Novas ferramentas para o seu dia a dia”.

Neste sentido nem todos os cursos de capacitação atendem a condições favoráveis de uso. Segundo os depoimentos citados, algumas capacitações oferecidas parecem propiciar conhecimentos técnicos para o uso dos aplicativos e ferramentas, focados apenas nas do pacote Office⁴¹ por exemplo.

⁴¹ Pacote de aplicativos e softwares da empresa Microsoft e que já vêm embutidos no sistema operacional Windows, o mais popular para Personal Computer (PC).

Sobre este aspecto Valente (1999a), enfatiza que,

a preparação dos professores para a utilização das novas tecnologias implica em muito mais do que somente fornecer conhecimento sobre computadores, implica em processo de ensino que crie condições para a apropriação ativa de conceitos, habilidades e atitudes, que ganha sentido à medida que os conteúdos abordados possuam relação com os objetivos pedagógicos e com o contexto social, cultural e profissional de seus alunos.

Aprofundando ainda mais esse assunto, buscou-se investigar **“o que os professores consideram ser mais adequado nas capacitações”**. Apenas 38% dos entrevistados deram depoimentos. Alguns dos depoimentos colhidos foram:

“Ideias novas de atividades e estratégias diferenciadas de ensino.”
“Assuntos que agreguem valor ao nosso trabalho”. “As atividades que podem ser desenvolvidas através do Offices”. “As atividades práticas”. “Entender a importância dos recursos para a efetivação da aprendizagem para o público de hoje”. “Novas metodologias e buscar novos conhecimentos para melhorar a prática pedagógica diária, favorecendo o ensino-aprendizado.” “Informações e tecnologias que permitam facilitar o desenvolvimento de atividades que auxiliem o professor no seu dia a dia”. “Mostrar as várias possibilidades que as tecnologias nos oferece para trabalhar em sala de aula”. “Planejamento.” “Adquirir conhecimento capacitações para o uso da lousa.”

Nos depoimentos acima fica claro que os professores demonstram uma preocupação maior com as estratégias didáticas exemplificadas a partir do uso das TICs, e não com o como é relacionado com o pedagógico. Percebe-se que a necessidade dos professores está voltada para a aprendizagem tecnológica do computador como um instrumento, uma ferramenta. Alguns poucos citaram a metodologia do ensino, a prática pedagógica, a crítica à epistemologia do ensino e o planejamento para executar uma aula que promova aprendizagem significativa, tratando aí de aspectos voltados à política de gestão das TICs no âmbito pedagógico.

Para Grigoli (et al. 2010) elementos como atmosfera de encorajamento; liderança do diretor e do corpo docente; elevados níveis de exigência; expectativas positivas em relação aos alunos; pessoalidade e cordialidade no tratamento; disciplina difundida e exercida como um valor; forte e autêntico interesse pelos alunos; foco nas atividades educacionais; constante acompanhamento e avaliação; relações mais próximas com as famílias, têm sido identificados em pesquisas como fatores que podem estar na base das diferenças entre as escolas bem-sucedidas e as demais.

Segundo os entrevistados, é necessário que se ofereça além dos cursos de capacitação, condições para que todos os professores possam participar, já que, por mais motivado que o professor pode estar, se não encontrar as condições ideais acaba desistindo. Segundo Almeida (2000, p. 49) “a formação do professor deve ocorrer no próprio contexto e incluir atividades que contemplam a conexão entre conhecimento sobre teorias educacionais, além do domínio do computador”.

Foi solicitado aos professores como eles **“acreditam que deveriam ser os cursos de capacitação para o uso das TICs, e o que falta nos cursos de capacitação tecnológica”**. As respostas foram baseadas principalmente nas questões da frequência e da metodologia dos cursos. Como se percebe nos depoimentos:

“Deveriam acontecer mensalmente pois as tecnologias estão sempre sofrendo inovações.” “Penso que na escola deveria haver curso com mais frequência para que o professor não precise buscar fora tal conhecimento, assim estaria enriquecendo seu trabalho, bem como o seu currículo”. “Todos os anos pelo menos uma reciclagem”

“Deveriam ser práticos e fornecedores de possibilidades de utilização para o processo de ensino e aprendizagem”. “Utilizaria mais a pratica, pois a gente só aprende fazendo”. “Atividades que possam ser utilizadas na prática, pois é praticando que vamos adquirir experiência, e em casa o tempo é muito restrito e acabamos por não exercitar”. “Falta aliar prática com a teoria”. “Aprendizagem a respeito de atividades online como jogos educativos”.

Também observou-se outras respostas, como cursos com *“pessoas capacitadas para ensinar os professores”*, *“com profissionais da área trazendo novos conhecimentos e técnicas”*. *“Deveriam ser mais divulgados”*, *Cada curso deve ser adequado ao interesse e necessidade de cada escola, pois cada realidade é diferente uma da outra*. *“Reforçando os conhecimentos prévios e atualizando aos novos recursos disponíveis”*.

De acordo com as sugestões de como deveriam ser os cursos de capacitação, percebe-se que precisam ser discutidos, questionados e reformulados de modo a atender a expectativa dos professores.

Em relação aos fatores que impedem de participar de capacitações em TICs, os sujeitos entrevistados argumentaram falta de oportunidade com 34%, falta de tempo 27% das respostas, falta de recursos financeiros e falta de divulgação com 16% das respostas, além de falta de interesse e outros motivos com 7% das respostas.

É possível observar nos depoimentos que uma das dificuldades da participação nas capacitações é a falta de tempo, pois os professores precisam adaptar os horários para fazer as capacitações. Uma alternativa a este contexto talvez seja a promoção do diálogo entre professores e IES que se propõe à oferta de curso de aperfeiçoamento na área tecnológica aplicada à educação, uma vez que diferentes turmas em diferentes horários podem se tornar viáveis uma vez que o interesse coletivo seja sinalizado, organizado e compartilhado.

A falta de interesse também apareceu em conjunto com outras causas com 7% das respostas. Tomando por base os depoimentos, supõe-se que os professores se acomodam pois não são oferecidas condições adequadas, como horário e local para os cursos. Em relação à falta de divulgação, que também foi citada por 16% dos entrevistados, pode estar associada à falta de comunicação

interna nas escolas. Fica evidente que não basta oferecer cursos, mas é necessário que se ofereça também condições adequadas para a participação de todos os professores interessados nas capacitações oferecidas.

Gregio (2005) afirma: “sabe-se que existe a orientação em levar os alunos para a sala de informática. Mas questiona-se: se esses professores não estão preparados para compreender a natureza dessa prática, da necessária mudança na concepção de ensino e aprendizagem, o que fazem com seus alunos nesse momento?” Assim, não basta que a escola tenha horários disponíveis para os professores utilizarem os laboratórios de informática, mas que esse uso esteja contemplado no projeto político pedagógico da escola e que os docentes estejam preparados e capacitados para melhor aproveitarem os recursos disponíveis. Ampliando a questão, Rosa e Salúa ressaltam a importância de expandir o uso pedagógico das TICs para toda a comunidade escolar num novo contexto de papéis dos agentes em relação neste espaço.

Essa abertura à articulação com diferentes espaços potencializa novas relações entre os sujeitos da comunidade escolar, a renovação da gestão escolar, de modo a instituir mudanças substanciais na escola, onde o ensino, a aprendizagem e a gestão participativa podem se desenvolver num processo colaborativo. Hoje, a escola não detém mais a hegemonia como fonte de transmissão de saber, e a aprendizagem ocorre em vários espaços: no trabalho, na tela do computador, na biblioteca. De uma certa forma, e num modo de pensar bastante positivo, é o que alguns pensadores de nosso tempo reconhecem como desterritorialização do espaço e redesenho da geografia. As fronteiras são diluídas e o espaço de ensino e aprendizagem são ampliados. (ROSA e SALÚA, 2010, p. 109)

Quando questionados se “**os professores estão preparados para ensinar com competência usando o computador e as tecnologias**”, 19% dos entrevistados acredita que os professores estão preparados para ensinar com competência utilizando o computador e as novas tecnologias, porém com algumas ressalvas como se pode perceber nas afirmações:

“Sim. Estão preparados, mais possuem apenas um conhecimento básico, e é preciso inovar com cursos de aperfeiçoamento”

“Sim, mas precisa-se investir em cursos[...].”

“Sim, porque a maioria dos profissionais estão buscando melhorar suas práticas pedagógicas e as novas tecnologias vem ajudar nessa melhoria”.

“Sim estão preparados, pois todos dependem dessas tecnologias e acabam aprendendo por necessidade”.

Das respostas obtidas, 81% dos pesquisados afirmou que os professores não estão preparados, como se pode constatar nas afirmações:

“Não, nem todos se preocupam em estar sempre em capacitação com cursos novos ou até mesmo não se interessam pelo assunto pois muitos acham complicado [...]”

“Na minha opinião os professores não estão preparados para ensinar as novas tecnologias aos alunos, pois muitas coisas como internet deixam a desejar e muitas vezes os professores não sabem como trabalhar com tal faixa etária”.

“Não, tem muitos professores trabalhando ainda na metodologia tradicional de ensino, utilizando somente caderno e livro didático”.

“Não, muitas vezes estão acomodados”.

“Não, seria necessário que os municípios proporcionassem curso de aperfeiçoamento”

“Acredito não estarem capacitados e alguns não demonstram interesse em apreender.

“Os professores não conhecem nem a metade dos recursos que podem utilizar”.

“Não, pois muitos participam dos cursos porém não praticando acabam esquecendo o que aprenderam”.

“Acredito que não, pois o computador ainda serve para muitos como um método de distração”.

“Na minha opinião não pois, o professor é um facilitador, que procura ajudar a que cada um consiga avançar no processo de aprender. Mas tem os limites do conteúdo programático, do tempo de aula, das normas legais. [...]”

“Os professores não tem muita habilidade com as novas tecnologias, isso porque muitos não se interessam e possuem muitas dificuldades, sendo assim, acabam não utilizando em sua prática diária.”

Também ficou evidente em depoimentos que para alguns professores não está claro o seu papel de mediador, orientador e facilitador. Valente (1999a) adverte que o professor ainda não assimilou o potencial do computador e das

TIC's como ferramentas pedagógicas e, quando faz uso, “reproduz velhas práticas”.

Mais um desafio da gestão escolar é incentivar e motivar esses professores que declararam que estão “acomodados ou não demonstram interesse” em utilizar as TICs em suas aulas. Com o advento das TICs na educação, os professores também assumem a função de ajudar a filtrar, ordenar e contextualizar as informações. Assim, ganha relevância o papel do professor como orientador para o melhor uso das novas fontes de informação.

Fetal (2006) destaca que a presença da tecnologia propõe novos arranjos ao processo de ensino e aprendizagem que, por consequência, exigem do docente uma postura diferenciada. Disso decorre que o professor, em suas práticas pedagógicas, além do giz e do quadro-negro, precisa incluir os comandos eletrônicos, novos ambientes de aprendizagem e metodologias que permitam construir e aplicar o conhecimento à realidade presente e futura. (ROSA e SALÚA, 2010, p. 110)

Na visão dos professores, o maior desafio para acrescentar a “**tecnologia (digital) à sala de aula**” é o aperfeiçoamento e a formação dos mesmos, já que na formação inicial desses profissionais as TICs quase não são incorporadas.

A gestão escolar deve incentivar os professores a utilizarem os recursos tecnológicos em sua rotina, dentro e fora de sala de aula tornar os professores aptos para o uso de tecnologia, investindo na formação técnica dos docentes. O projeto político pedagógico é, fundamental para nortear o trabalho da escola, Veiga (2001) enfatiza a importância da instituição escolar ter um plano pedagógico para nortear a equipe docente para o uso do computador como ferramenta no processo ensino e aprendizagem, no qual estão traçados os objetivos, metas, aplicativos e softwares a serem utilizados.

Em relação ao “**papel do professor frente as novas tecnologias**”, percebe-se com a diversidade de afirmações e depoimentos que para muitos professores ainda não está claro o seu papel frente as TICs.

“As tecnologias estão em constante transformação e o professor deve estar sempre buscando atualizar-se [...] para conseguir manusear de forma adequada e com conteúdos apropriados em sala de aula”; “E papel do professor buscar novos meios tecnológicos para seu trabalho docente”; “O papel do professor é oferecer novas formas de educação, usar as novas tecnologias para acrescentar no ensino aprendizagem dos seus alunos”; “Ensinar o aluno a usar todas as ferramentas em favor de sua aprendizagem”; “Cabe ao professor assumir o papel de protagonista da sua própria formação, sempre enfrentando os novos desafios, buscando refletir sobre a sua prática, para superar os obstáculos e aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem”; “Buscar aprender para poder passar a seus alunos uma aprendizagem significativa”; “Trazer as tecnologias para dentro da sala, facilitando a aprendizagem do aluno”; “Um facilitador, que utilize dos novos recursos para fomentar/enriquecer sua aula.”; “Orientar os alunos para que seja um recurso somatório na aprendizagem”; “Em qualquer situação o papel do professor é de mediador o papel do professor é buscar inovar suas praticas pedagógicas com materiais e tecnologias significativas ao ensino-aprendizado de seus alunos”; “O papel do professor de transmissor do conhecimento, utilizando as novas tecnologias para ampliar suas metodologias”; “Orientar que ele deve estar preparado para as novas mudanças que estão acontecendo em sala e com os alunos, pois o munda esta em contaste transformação cada dia uma nova descoberta”; “Saber como utilizar essas tecnologias para poder atender as necessidades dos educandos. Uma vez que hoje eles já vem para a Escola cheios de conhecimento”.

A gestão escolar precisa oferecer momentos de capacitação dos professores na escola, planejamentos coletivos para que tenham uma formação mais reflexiva a respeito de suas práticas e compreendam melhor como usar as TICs. Grigoli (et al. 2010) afirma que é preciso ouvir mais os docentes, escutar suas opiniões e apoiar as suas ideias, o que será um incentivo para que trabalhem com mais empenho e dedicação. E são também os próprios professores que, nas salas de aula, podem identificar necessidades e demandar aperfeiçoamento.

Desafios da gestão escolar

Os resultados analisados podem evidenciar uma falha dos cursos de formação inicial de educadores por não prepará-los adequadamente para a

presença das TICs no processo de ensino e aprendizagem. No mesmo rumo seguem as capacitações e cursos de aperfeiçoamento voltados aos professores em sala de aula, inadequados às condições dos docentes enquanto educandos ou ainda mal dimensionados em seus conteúdos programáticos, dificultando a interface entre softwares e estratégias didáticas. A identificação destes fatores evidencia, por parte das gestões escolar, a necessidade de ouvir mais e mapear as necessidades e expectativas dos educadores sobre tais iniciativas de aperfeiçoamento, uma vez que a simples oferta pode não corresponder às necessidades, transformando-se em desperdício de recursos e desestímulo à aprendizagem continuada.

Somente investir em equipamentos não é suficiente, os professores precisam estar preparados, já que os mesmos afirmam que os alunos chegam às salas de aula dotados de conhecimento tecnológico. Grecio (2005) afirma que não adianta informatizar as escolas, se não houver esforços no sentido de capacitar os professores para o uso do computador com perspectivas de mudanças na prática educativa. Essa preparação deve ir muito além da simples competência em manusear softwares e hardwares, pois precisa estar vinculada a um programa pedagógico com objetivos claros e instrumentos de avaliação capazes de indicar ao educador um mínimo de parâmetros para determinação do sucesso e da eficácia dos instrumentos didáticos empregados, dos conteúdos assimilados, da promoção da autonomia no que tange o desempenho cidadão alcançado pelos estudantes.

Em relação aos conhecimentos adquiridos, 80% dos professores afirmou que foi na prática do dia a dia e somente 17% aprendeu frequentando cursos. 70% dos entrevistados teve conhecimento das TICs na graduação, porém superficialmente e em poucas disciplinas. Percebe-se aqui um dos desafios da gestão escolar: investir esforços na formação continuada dos professores, oferecendo cursos de capacitação para utilização das TICs no contexto escolar,

afinal 77% afirma utilizar as TICs na escola, mesmo com 34% afirmando que falta conhecimento e pouca prática para o uso.

No que diz respeito aos possíveis desdobramentos do aperfeiçoamento de professores em relação às TICs, um deles talvez possa ser medido naquilo que a Administração e a Psicologia Organizacional ou mesmo a área de Relações Públicas chama de clima organizacional. Profissionais da educação sentindo-se seguros diante das ferramentas e estratégias educativas envolvendo as novas tecnologias podem produzir mais e melhor a partir da própria pré-disposição à inovação e à dinâmica do processo de ensino-aprendizagem. Professores e educadores mais envolvidos com as TICs e seus recursos conseguem dar visibilidade ao plano pedagógico e administrativo da escola, uma vez que o alcance e a dimensão do ciberespaço transcende os muros escolares. Fazer parte desse universo é aproximar-se ainda mais da realidade dos alunos.

Esse é o desafio para a gestão escolar, pois os professores precisam ter principalmente o conhecimento pedagógico de como trabalhar com as TICs em sala de aula e para além dela, e parece haver um problema com os cursos de capacitação oferecidos aos professores, já que dos que participaram, a maioria afirma que as capacitações foram ineficientes. Tais respostas correspondem apenas ao universo da pesquisa, ou seja, estudantes de Pedagogia na região do Meio Oeste catarinense, mas sinalizam uma realidade bastante crítica e que merece a atenção de gestores e das IES sobre a formação contemporânea dos educadores.

Na opinião dos professores da pesquisa, o que falta nos cursos de capacitação tecnológica para alcançar os objetivos de aliar a política pedagógica e as estratégias didáticas é a caracterização do curso, com um planejamento melhor em termos de duração, frequência, local, divulgação e conteúdo voltado aos professores e à realidade escolar.

Alguns pontos críticos apontados pelos depoimentos captados nesta pesquisa são os horários das capacitações oferecidas e o local. De modo geral, parece ser um desafio aos gestores equacionar estratégias para que tais aperfeiçoamentos sejam oferecidos em locais de fácil acesso (como a própria escola) e em horários que permitam a participação do maior número de profissionais (intervalos entre turnos, durante os dias letivos...). É claro que isso implica em negociações com outras instâncias como no caso das escolas públicas e de algumas concessões por parte dos professores em outros casos, mas a negociação deve ser pautada pelo diálogo e pelo dimensionamento da relevância do tema e sua aplicabilidade cotidiana.

Outro desafio para gestão é incluir o professor nas decisões, nas discussões a respeito dos cursos a serem oferecidos, que devem ser adequados à realidade de cada escola. O professor que está em sala conhece as deficiências e dificuldades que encontra no dia a dia. A gestão também deve estar atenta à comunicação interna da escola, neste caso, na divulgação dos cursos para seus professores.

Grigoli (et. al 2010) afirma que gestores comprometidos com a formação contínua no espaço escolar desenvolvem ações que favorecem um clima de trocas e de apoio mútuo entre os professores e investem no sentido de fortalecer o vínculo da escola com a comunidade e vice-versa. O ideal, portanto, é que os professores participem das decisões na escola, como na elaboração do projeto político pedagógico, o qual deve prever como, quando e porquê usar as TICs.

A formação de educadores para uso pedagógico das TICs, muitas vezes, tem se desenvolvido como formação em serviço, contextualizada na realidade da escola e na prática pedagógica do professor. Isso já é um avanço! Mas ainda faltam condições físicas, materiais e técnicas apropriadas, assim como atitude favorável de dirigentes escolares que, dada a pouca familiaridade com a tecnologia, desconhecem a potencialidade das TICs para melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem e a gestão escolar participativa, articulando as dimensões técnico-administrativa e pedagógica, tendo em vista formar cidadãos

críticos e participativos na sociedade. (ROSA e SALÚA, 2010, p. 112)

Verificou-se que 51% dos professores acredita que o principal desafio da gestão para acrescentar as TICs à sala de aula é a falta de equipamentos, recursos, condições financeiras, dentre outras, e 49% afirma que o maior desafio é a capacitação dos professores, já que se verificou que os professores pesquisados não tiveram uma formação que desse subsídio para o uso adequado das TICs em sua prática pedagógica. 55% afirma que a gestão escolar não prepara os professores com cursos de capacitação, porém, 52% responderam que participam dos cursos oferecidos. Para muitos ainda não está claro seu papel perante as tecnologias, 47% afirma que a gestão oportuniza a interação dos professores com as tecnologias disponibilizando equipamentos, 19% oferecendo cursos e 7% incentivando os professores, e ainda 66% utiliza os laboratórios de informática quando estes estão disponíveis. Esses dados sinalizam de modo geral uma pré-disposição dos educadores e professores à integração das TICs em seu cotidiano profissional, porém ainda é possível perceber um sentimento de autonomia pouco motivada na busca pelo aprimoramento das habilidades tecnológicas.

Para os professores pesquisados há uma visão positiva do uso das TICs na escola e justificam seu uso com posicionamentos positivos, indicando que são perceptíveis os ganhos de aprendizagem. Os professores utilizam as TICs nas aulas, mas um número preocupante de 81% afirma que não está preparado para ensinar com competência usando essas tecnologias.

Apenas 38% utiliza as plataformas de interação social. 50% blogs, Youtube e 17% Facebook. Os professores também apontaram as vantagens de comunicação interação desses recursos e afirmam que se forem bem utilizados são poucas as desvantagens ou riscos. Talvez aqui exista uma outra oportunidade de investimento e capacitação de professores frente aos desafios que as TICs impõe sobre o cotidiano escolar, pois é preciso entender e se preparar para temas

controversos, alguns deles apontados nos próprios depoimentos: bullying, exposição demasiada, calúnia, injúria, difamação, direito autoral, entre outros. Essa preparação diz respeito sim ao ciberespaço e ao uso das tecnologias de informação e comunicação, porém tratando delas numa perspectiva muito mais ampla do que mero instrumental, uma vez que relacionam o conteúdo produzido e consumido com elementos como valores sociais, ética e cidadania.

Percebeu-se ao final da pesquisa empregada que a escola é o lugar que mais colabora para aprendizagem do professor. Para garantir uma formação adequada aos professores é preciso fornecer conhecimento, mas também é preciso tempo de experimentação e de apropriação. A gestão escolar precisa oferecer momentos de formação, planejamentos coletivos dentro da escola para que os professores tenham uma formação mais reflexiva a respeito de suas práticas e compreendam melhor como usar as TICs nas relações didático-pedagógicas.

Educomunicação e gestão das TICs

A educomunicação, tal como defende o professor Ismar de Oliveira Soares e seus colaboradores no Núcleo de Educação e Comunicação da Universidade de São Paulo, tem como premissa a promoção da cidadania pela apropriação dos recursos, pela articulação das demandas sociais para além de uma agenda midiática tradicional, proporcionando aos ecossistemas comunicacionais uma visibilidade e um alcance potencializados pelas ferramentas a serviço da educação.

Esta perspectiva pode ser harmonizada com a ideia de que as tecnologias de informação e comunicação não são por si só alavancas para o desenvolvimento cognitivo do estudante no processo educacional, mas podem auxiliar na percepção sobre o processo cognitivo, numa analogia com os sistemas em rede da comunicação digital.

Nessa perspectiva, fica mais verossímil a hipótese de que a hipertextualidade presente nas novas tecnologias de informação pode ajudar a entender as tramas que estão por trás da emergência do pensamento, ou seja, a metacognição (a “cognição sobre a cognição”). [...] Em outras palavras, a metacognição é “o conhecimento, a consciência e o controle que a pessoa tem de seus processos cognitivos. Pensar metacognitivamente é exatamente ser capaz de pensar o seu próprio pensamento, tomando ciência dos conteúdos mentais presentes em sua esfera psíquica” (Nunes, 2006, p. 240 apud Mamede-Neves; Duarte, 2008, p. 776).

Como apontam as autoras, esse pensamento sobre as TICs e sua presença no cotidiano dos jovens propõe aos educadores desafios no âmbito da mediação. Para elas, a geração de nativos digitais, ou seja, nascidos depois da popularização da internet, “explora de forma criativa e diversificada tudo o que essas tecnologias têm a oferecer, ultrapassando, inclusive, os limites originalmente estabelecidos para o uso regular delas. Diferente, portanto, da imensa maioria dos professores que, pelas suas idades, são, em geral, imigrantes digitais” (Mamede-Neves; Duarte, 2008, p. 777). Em pesquisas sobre o ambiente digital e processo de escolarização familiar, bem como sobre o comportamento dos jovens em rede, as pesquisadoras apontam que “Deixando de professar a primazia do texto impresso como fonte exclusiva de conhecimentos válidos, os jovens de hoje vêm migrando do livro, jornal e revistas impressos para a internet, onde acreditam poder encontrar tudo de que necessitam para se manter informados e vinculados ao seu grupo, assim como para aprender” (Mamede-Neves; Duarte, 2008, p. 778). Essa talvez seja um retrato do cenário que as escolas observam se reconfigurar nas relações didático-pedagógicas e para as quais a gestão das TICs deve atentar.

Várias pesquisas ⁴² de âmbito nacional e latino-americano apontam : “o que falta na escola, os jovens buscam em outros espaços”, muitas vezes desacompanhados de adultos ou mesmo em ambientes sem nenhum tipo de controle sobre o acesso aos conteúdos disponíveis na internet (tal como

⁴² Tal como aponta Soares (2008, p. 26 – 27).

lanhouses ou wi-fi gratuita). A educomunicação enfatiza, tal como proposta neste artigo, a articulação da Educação (formal e informal) com as TICs num processo de formação crítica e cidadã dos jovens, oferecendo nas ferramentas digitais um instrumento de promoção da conectividade com o objetivo da inclusão, da mobilidade social e do exercício dos direitos e deveres. A formação continuada de educadores deve diminuir o abismo existente hoje entre a cultura dos nativos digitais e a comunidade escolar (professores, gestores de escolas, pais e tutores), uma vez que a Educação transcende as barreiras dos muros de pedra e deve integrar-se com a comunidade em que se insere.

A contribuição de Soares e Pignatari (2012) para uma reflexão sobre a educomunicação para além de um campo em disputa com a Educação por um objeto de estudo parece ser relevante no processo de comprovação da relevância dos resultados de pesquisa descritos neste artigo.

Para Freire não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: a cognoscitiva e a comunicativa. Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de estar ciente de que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar *pela* comunicação e não *para* a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. Os espaços do contexto entre Comunicação e Educação são vistos, nesse sentido, como estando em relação e não como uma área que deva ter seu objeto disputado. A educomunicação, portanto, não diz respeito imediata ou especificamente à educação formal nem é sinônimo de Tecnologias da Educação (TE) ou de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), mas se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção do conceito. Em relação às tecnologias, o que torna relevante não é a ferramenta em si, mas o tipo de mediação que pode favorecer para a ampliação de diálogos sociais e educativos. (SOARES; PIGNATARI, 2012, p. 3)

Porém, antes de preparar o educador para as mediações intermediadas pelas tecnologias de informação e comunicação é preciso discutir com a comunidade escolar, em busca de uma identidade, sobre essas políticas

educacionais em um processo horizontal e democrático. Neste diálogo, é justo buscar a contribuição de professores, gestores, estudantes, pais e tutores, representantes da sociedade civil organizada e quem mais quiser contribuir, transformando esse processo em um fluxo contínuo de observação sobre práticas e discursos a respeito da comunicação e da educação. “A educomunicação, sem negar o uso das novas tecnologias, pretende imprimir e aperfeiçoar metodologicamente o uso analítico dessas tecnologias, afastando ufanismos ilusórios e reações imobilistas e desesperançosas, uma vez que a construção horizontal analítico-crítica do conhecimento é uma forma de contribuir com a construção da cidadania” (SOARES; PIGNATARI, 2012, p.6).

Ao concluir este artigo fica a proposta de reflexão sobre o campo social que se oferece como intersecção entre os saberes ministrados academicamente pelas áreas da Educação e da Comunicação. Pensar o ambiente escolar e sua gestão a partir das premissas da administração e da educomunicação, levando em conta a percepção dos professores sobre a construção da imagem dos gestores a partir do tratamento dispensado às TICs, parece apontar para um termômetro que acusa a urgência de atenção pontual. A relevância dos artefatos e dispositivos da cultura digital contemporânea não são apenas percebidos pelos alunos ou desafiadores aos educadores, mas também se mostram um importante avanço nas relações entre a gestão escolar e a comunidade, seja ela pensada na perspectiva do público interno, seja na do público externo aos muros da instituição. Ainda que se discuta a forma como os docentes devem aproveitar e otimizar os recursos tecnológicos nas relações didático-pedagógicas, acredita-se que outra contribuição importante oferecida pelos dados colhidos diz respeito às políticas de gestão de recursos humanos, apontando para a audição dos desejos e melindres dos educadores como uma forma de otimizar dinheiro, tempo e saberes na escola do século XXI, rumo a uma formação cidadã do educando afinada com a realidade e projetando o futuro.

Referências

- ALMEIDA, Maria Elizabeth de. Proinfo: **Informática e Formação de Professores**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.
- AREU, Graciela Inês Presas; VERMELHO, Sonia Cristina. **Estado da arte da área da Educação & Comunicação em periódicos brasileiros**. In Educ. Soc., vol. 26, n. 93, p. 1413-1434. Campinas: Set./Dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- BASTOS, Fábio da Purificação de. **Educação popular e formação profissional via diálogo problematizador**: o movimento social “software livre” na educação a distância brasileira. In Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo (II). Organizadores: Danilo Streck... [et al.] Brasília: Líber Livro Editora, 2010.
- BELLONI, Maria L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BELLONI, Maria L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas, Autores Associados, 2005.
- BORGES, Nilo Sérgio. Você está preparado para supervisionar uma equipe? **Gestão Estratégica Educacional**. 2009. Disponível em: <<http://www.gestaoedu.blogspot.com.br/2009/04/caros-amigosas-por-motivo-de-forca.html>> Acesso em 12/11/2013.
- CARVALHO, Elisa. A importância das TIC no processo de desenvolvimento curricular. Disponível em <http://elisacarvalho.no.sapo.pt/pdf/importancia%20TIC.pdf> . Consultado em 10/11/2014.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CARNEIRO, R. **Informática na educação**: representações sociais do cotidiano. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época: v. 96).
- CHAIB, M. **Franskstein na sala de aula**: as representações sociais docentes sobre informática. Revista Nuances, n. 8, p. 47-64, set. 2002.
- GARCÍA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1995. p.193-196.
- GLATTER, R. **A Gestão como meio de inovação e mudança nas escolas**. In: NÓVOA, A. (Coord.). As Organizações escolares em análise. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

GREGIO, Bernardete Maria Andrezza. **O uso das TICs e a formação inicial e continuada de professores do Ensino Fundamental da escola pública estadual de Campo Grande/MS: Uma realidade a ser construída.** Campo Grande, 2005. 339p. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

GRIGOLI, Josefa A. G., LIMA, Cláudia M., TEIXEIRA, Leny R. M. e VASCONCELLOS, Mônica. **A escola como lócus de formação docente** : uma gestão bem –sucedida. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 139, jan./abr. 2010

LEAL, Julia Munareto. **Comunicação e Educação**: para uma abordagem política da identidade e da diferença na escola. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2013.

LÜCK, Heloísa. **A escola tem a cara de seu diretor**. Centro de Desenvolvimento Humano Aplicado. 2013. Disponível em:<<http://cedhap.com.br/blog-artigos/heloisa-luck-a-escola-tem-a-cara-de-seu-diretor/>> Acesso em 03 nov. 2013.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos; DUARTE, Rosalia. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação na escola. In Revista Educação e Sociedade. V 29, n 104. Campinas: Out 2008.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2003.

RIOS, Mirivan Carneiro **O gestor escolar e as novas tecnologias**. Disponível em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2011/gest_tec.pdf>. Acesso em: 13 out. 2013

ROSA, Rosemar, SÁLUA, Cecílio. Educação e o uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação: a produção do conhecimento em análise. In Revista Educação em Foco. v. 15, n. 1, p. 107-126 Juiz de Fora: UFJF, mar-ago 2010. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2011/05/Artigo-0x-15.1-Rosemar.pdf>

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Mas, afinal, o que é Educomunicação? Disponível em <http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos/> . Consultado em 05/10/2014.

SOARES, Maria Antônia Vieira; PIGNATARI, Rosa Malena. Educomunicação e mediação tecnológica: colocações conceituais para refletir sobre a possibilidade da prática educacional em ambiências eclesiais. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Eclesiocom%202011/Arquivos/Trabalhos/2.Educumunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20media%C3%A7%C3%A3o%20tecnol%C

[3%B3gica_RosaMalena%20e%20Maria%20Antonia.pdf](#) . [2012] Consultado em 05/10/2014.

VALENTE, J. A. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas:NIED/UNICAMP, 1999a.

VALENTE, J. A. **Informática na educação no Brasil**: análise e contextualização histórica. In VALENTE, J. A. (org). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED/UNICAMP, 1999b.

VEIGA, M. S. **Computador e educação?** Uma ótima combinação. In: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em foco**. Petrópolis, 2001. Disponível em:<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/inedu01.htm>

Autores



Monalisa Pivetta da Silva é graduada em Comunicação Social – Radialismo e televisão e pós-graduanda em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina e mestre em Ciências da Linguagem pela Unisul. Contato: monalisa.silva@unoesc.edu.br



Rafael Sbeghen Hoff é orientador da pesquisa, professor do Depto. de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul, mestre em Letras e Cultura Regional pela UCS e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: rafael.hoff@yahoo.com.br